ENEPEX
ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

O QUE MUDOU NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE DOURADOS COM O DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES EXTENSIONISTAS

Euclides Reuter de Oliveira [1]; Flávio Pinto Monção[2]; Andréa Maria de Araújo Gabriel[1]; Loan Henrique Pereira da Silva[3]; Mariana Viegas dos Santos[3]; Lais Valenzuela Moura[3*]

[1] Docente da Faculdade de Ciências Agrárias da UFGD/Dourados-MS, UFGD/FCA – Caixa Postal 533, 79.804-970 – Dourados – MS, E-mail: euclidesoliveira@ufgd.edu.br; andrea.gabriel@ufgd.edu.br

[2] Aluno de Doutorado em Zootecnia pela UNESP/Jaboticabal-SP e bolsista da CAPEs.

[3] Aluno de graduação e pós-graduação (*) em Zootecnia pela UFGD/Dourados-MS e bolsista de extensão e do CNPq

RESUMO

A extensão rural caracteriza-se por ser uma atividade que educa educando, no sentido de desenvolver as potencialidades e habilidades do produtor rural, partindo-se do principio de que o individuo mais esclarecido é capaz de participar conscientemente do processo de desenvolvimento de uma comunidade. Programas de extensão rural busca propiciar o desenvolvimento econômico, social, cultural e de capacidade de administração do produtor rural. Assim, objetivou-se conhecer o que mudou na comunidade quilombola e nas famílias após o desenvolvimento de atividades extensionistas com foco na utilização de técnicas apropriadas visando à auto-suficiência na produção de alimentos para a geração de receita e renda. O desenvolvimento das ações à Comunidade Quilombola, da região de Dourados-MS, iniciaram em Agosto de 2007 a março de 2014. Foram ministradas palestras, mini-cursos e atividades no campo mostrando na prática como proceder à frente às novas alternativas de produção, havendo participação média de 90% dos pequenos produtores envolvidos. Entretanto, alguns (10% das famílias) apresentaram dúvidas sobre o sucesso das atividades propostas, o que é normal dentro de um processo de transferências de tecnologias. Estudos maiores com essas pessoas, permitiram inferir que em função dos históricos dessas famílias, além da aptidão professional dos componentes justificava tal comportamento frente as ações. Mas, de forma geral, observou-se o interesse na aceitação dos novos modelos de produção

pelos produtores, promovendo melhores desempenhos produtivos e melhoria na qualidade alimentar e até aumento da renda familiar. As visitas técnicas também foram essencial no incentivo das famílias em produzir e reforçar a importância da terra na geração de renda. Detectou-se a importância da continuidade dos trabalhos por através da melhoria da produção agrícola e/ou animal local, geração e aprimoramento dos conhecimentos de produção pelos produtores, melhoria da renda e da qualidade de vida.

Palavras-chave: Extensão Rural; Agricultura familiar; Agroecologia;

INTRODUÇÃO

A extensão rural caracteriza-se por ser uma atividade que educa educando, no sentido de desenvolver as potencialidades e habilidades do produtor rural, partindo-se do principio de que o individuo mais esclarecido é capaz de participar conscientemente do processo de desenvolvimento de uma comunidade. Programas de extensão rural busca propiciar o desenvolvimento econômico, social, cultural e de capacidade de administração do produtor rural (KRONEMBERGER e GUEDES, 2014).

Com a inserção e inovação de novas tecnologias no mercado, além da competição global, grandes mudanças no mundo atual te ocorrido, inclusive no perfil alimentar do consumidor, que está cada vez mais exigente por produtos de qualidade. No entanto, poucas informações sobre essas mudanças chegam às comunidades rurais para os produtores inovar e tornar competitivo no mercado. Desta forma, as Universidades têm um pouco muito importante que é transferir e orientar os produtores no uso de técnicas apropriadas, com o intuito de manter e/ou aumentar a renda familiar, permanecer no campo e produzir alimentos com maior qualidade e segurança (OLIVEIRA et al., 2012).

Farias et al., (2013) relataram a importância inicial nas comunidades de conhecer o histórico da comunidade, como formação, etnias envolvidas e buscar a transferência de saberes a partir de um ponto comum entre as famílias. Os autores ainda abordam a importância de educar as pessoas a importância do trabalho em equipe e uso da terra, como principal fonte de renda. Desta forma, a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), por meio de projetos, tem se destacado na implantação de atividades de cunho extensionistas nas regiões da Grande Dourados, estado de Mato Grosso do Sul, e atualmente vem expandido e conquistando novas fronteiras dentro do estado (OLIVEIRA et al., 2012).

Dentre as comunidades participantes das ações, destaca a Comunidade Quilombola de Dourados que muito tem aprendido e ensinado nas atividades de extensão universitária. Essas

ações iniciaram em 2007, por meio de reuniões, levantamento de dados e análise da área local pra melhor orientar os remanescentes de quilombos. Stefanoski et al., (2013) salientaram que a implantação de novas tecnologias nas comunidades deve ocorrer após um processo de integração social das famílias, observação essa também reforçada por Farias et al., (2013) em projetos desse cunho denominado de projeto incubadoras. Na comunidade quilombola não foi diferente, onde as reuniões e conversas individuais com as famílias possibilitaram adquirir e agir em pontos estratégicos dentro da comunidade.

Após várias análises dentro da comunidade quilombola, algumas atividades foram propostas e dentre estas a produção de hortaliça e cereais com base no sistema orgânico. Esta atividade vem ganhando cada vez mais espaço na prateleira dos mercados e nas mesas dos consumidores. Esta valorização se dá pela qualidade que o produto apresenta e pela ausência de resíduos agroquímicos. A crescente demanda por alimentos isentos de resíduos tóxicos e provenientes de sistemas de produção agroecológico implantado a partir de atividades alternativas é uma tendência mundial que também se observa no Brasil conforme Vasconcelos et al., (2014) que desenvolveram hortas orgânicas nas escolas rurais de Alvarenga Peixoto, em Tupaciguara-MG.

Com base no exposto, objetivou-se conhecer o que mudou na comunidade quilombola e nas famílias após o desenvolvimento de atividades extensionistas com foco na utilização de técnicas apropriadas visando à auto-suficiência na produção de alimentos para a geração de receita e renda, bem como, estimular o desenvolvimento de diferentes cultivos e criações que apresentam potencial econômico para a comunidade e região; realizar o beneficiamento de alguns produtos, agregando valor a estes; conscientizar a comunidade sobre a importância da preservação e da recuperação de ambiente; propiciar a permanência das famílias na propriedade e por fim estimular a integração dos acadêmicos dos Cursos de graduação de Agronomia e Zootecnia da Universidade Federal da Grande Dourados nas atividades de extensão rural.

MATERIAL E MÉTODOS

O desenvolvimento das ações à Comunidade Quilombola, da região de Dourados-MS, iniciaram em Agosto de 2007 a março de 2014.

Em princípio, foram realizadas reuniões com as famílias com a finalidade de interagir e explicar o papel da UFGD no local, bem como troca de saberes e conhecer a comunidade como um todo, histórico e área local. Nas reuniões subsequentes, foram realizadas reuniões participativas para planejamento da implantação e desenvolvimento de atividades, onde se

formaram grupos mediante as atividades passíveis de serem implantadas. Palestras de cunho social e técnicas, cursos teóricos e práticos e atividade lúdica sobre horticultura, microbacias hidrográficas e apicultura foram desenvolvidas com o intuito de despertar o interesse da comunidade as novas possibilidades. Foram utilizados recursos materiais como quadro branco, data show e folders, dentre outros. Todo material didático e de uso no campo como sementes, bomba d'água, sistema de irrigação completo, dentre outros foram adquirido via projeto financiado pela UFGD/PROEX, CNPq, FUNDECT, CAPEs e instituições parceiras.

Para melhor nivelamento de algumas atividades como a apicultura e horticultura orgânica, foram montadas unidades demonstrativas (UDs) na comunidade. As UDs também foram utilizadas para testar a inserção de novas tecnologias, como irrigação usando microaspersor, adubos orgânicos e novas formas de controlar insetos dentro outros de forma agroecológica e sustentável. Outro ponto interessante foi o acesso das famílias as áreas experimentais da UFGD, bem como, à outras comunidades da região.

Para o desenvolvimento das atividades e acesso na área rural contou-se com o apoio logístico da UFGD - A Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da Universidade Federal da Grande Dourados, AGRAER e prefeitura municipal de Dourados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram ministradas palestras, mini-cursos e atividades no campo mostrando na prática como proceder à frente às novas alternativas de produção, havendo participação média de 90% dos pequenos produtores envolvidos. Entretanto, alguns (10% das famílias) apresentaram dúvidas sobre o sucesso das atividades propostas, o que é normal dentro de um processo de transferências de tecnologias. Estudos maiores com essas pessoas, permitiram inferir que em função dos históricos dessas famílias, além da aptidão professional dos componentes justificava tal comportamento frente as ações.

Mas, de forma geral, observou-se o interesse na aceitação dos novos modelos de produção pelos produtores, promovendo melhores desempenhos produtivos e melhoria na qualidade alimentar e até aumento da renda familiar. As visitas técnicas também foram essencial no incentivo das famílias em produzir e reforçar a importância da terra na geração de renda.

Para início e implantação da UDs do projeto de horticultura orgânica, houve demarcação da área para implantar uma horta modelo. Foi feita a coleta de solo para análise e mediante os resultados foi feita a calagem e posteriormente a adubação orgânica. Foi plantadas sementes de verduras e legumes e feito transplantes de algumas mudas de

hortaliças. Dentre os primeiros impactos gerados com a produção de hortaliças, observou-se a melhoraria da qualidade alimentar das famílias quilombolas e o excedente da produção é comercializado nas feiras. Muitos produtores no inicio, não acreditavam em aumento de renda com a venda do excendente de hortaliças produzidos por não haver mercado consumidor. Nesse sentido, o orientador do projeto identificou um dos maiores gargalos na produção orgânica daquela comunidade. De forma, reuniões com as instituições envolvidas foram essenciais para criar uma feira interna a UFGD para possibilitar o comércio de produtos orgânicos gerados nas comunidades ligadas a UFGD por meios dos projetos.

O impacto das feiras bem como outros mercados consumidores na cidade de Dourados para as famílias quilombolas foi primordial para mudar os pensamentos dos envolvidos. A partir dessa corrente produtiva e diferenciada, o desenvolvimento dos projetos cresceu de forma consistente por parte dos integrantes e com bases cada vez mais sólidas. Houve aumento na geração renda das famílias quilombolas, o que reforçou a importância da extensão naquele contexto. Além dos resultados mencionados, as pessoas que tiveram dúvidas quanto ao progresso das ações aliaram ao grupo que melhor se identificava. Vasconcelos et al., (2014) também relataram que a implantação da horta escolar proposta permitiu relacionar educação ambiental com educação alimentar e valores sociais, proporcionando a oportunidade do aprendizado coletivo e servindo como subsídio técnico para os participantes adotarem os conhecimentos adquiridos em outros locais, atuando como multiplicadores das boas práticas utilizadas. Ainda segundo autores, o desenvolvimento das atividades trouxe muitos benefícios a todos os envolvidos, principalmente às crianças que passaram a se alimentar de forma mais saudável, incluindo na sua alimentação as diferentes hortaliças produzidas na horta. A comunidade escolar reconheceu todo o empenho conjunto dos universitários participantes do projeto para promover um melhor desenvolvimento local e proporcionar maior qualidade de vida a todos. A horta escolar foi uma forma de aproximação entre a universidade e a sociedade, permitindo aos universitários participarem da realidade vivenciada pela comunidade escolar, inserindo a educação ambiental não formal nos múltiplos aspectos que contribuem na formação integral dos alunos e da própria comunidade escolar.

O projeto microbacias hidrográficas foi desenvolvido por meio de palestras e atividades para crianças e adolescentes do ensino fundamental, ministradas de acordo com faixas etárias. No período de desenvolvimento do trabalho a comunidade quilombola recebeu duas visitas da equipe e, em um terceiro momento, as crianças visitaram as dependências da Faculdade de Ciências Agrárias da UFGD.

Em um primeiro momento foi oferecida às crianças uma palestra abordando o tema solo: o que é o solo, como este se forma, as diferenças de formação do solo de acordo com o seu material de origem. Também foi abordado o tema microbacia hidrográfica e a importância do uso e da preservação da água.

Durante as palestras, as crianças manusearam rochas e amostras de solos da região, de diferentes texturas, cores e origens. Para que os alunos compreendessem com maior facilidade o esquema de um perfil do solo utilizou-se um boneco confeccionado de material reciclado, brita e solo, apelidado de "Argilinha".

PEIXOTO et al.,(2009) trabalhando com solos em atividades recreativas para crianças e adolescente, constataram uma ampliação dos conhecimentos dos mesmos sobre os solos e meio ambiente, bem como da importância da conservação do solo e da água.

Após a palestra programou-se levar as crianças, com o ônibus da UFGD, a dois córregos do município: um na região urbana (Rego d'Água) e outro na zona rural (Curral de Arame), que deságuam no rio Dourados. Nestes pontos seriam mostradas as diferenças de conservação e a presença/ausência de mata ciliar, enfatizando que os lixos que eles observavam às margens dos córregos chegariam ao rio principal, fonte de abastecimento da cidade.

O projeto apicultura iniciou-se com palestras e mini-cursos e posteriormente com a instalação das caixas de madeira na mata nativa. Como uma atividade inovadora foi decidida a implantação de uma unidade demonstrativa (UD) com a instalação de 30 colmeias. Antes da instalação das caixas com colmeias, os produtores foram orientados com cursos teórico-prático sobre a implantação de apiários, manejo das colmeias, confecção de caixas para captura dos enxames, revisão das colmeias e treinamentos.

Para iniciar o processo prático, da atividade, as pessoas envolvidas foram orientadas para a coleta de madeiramento descartável da construção civil para a formação de caixas iscas com a finalidade de captura de abelhas na natureza. Este procedimento foi orientado por um docente da área na formação das caixas por meio de dia de campo em que o material foi trabalhado, processado, cortado, moldado e pintado tendo o envolvimento de todos os participantes na construção das caixas, caracterizando assim, a adequada reutilização de material de descarte.

As colmeias estão produzindo mel, que são utilizadas pelas famílias e o excedente foram embalados em potes de 1 kg e vendidos em feiras de eventos que permite a exposição de produtos oriundos da agricultura familiar.

A primeira retirada de mel rendeu 24 kg, sendo embalado apenas 10 Kg para exposição e venda. No entanto, a primeira florada forte na região ocorreu em fevereiro de 2010 que foi de extrema importância no rendimento produtivo das colmeias. Como os apicultores tinham uma planilha contento todo histórico do apiário, foi calculada a produtividade média do apiário que foi de 50 kg de mel/colmeia/ano. Isso se deu provavelmente pela boa distribuição das floradas ao longo do ano e as grandes áreas reflorestadas de eucalipto próximas ao apiário.

Como foi vendida alta quantidade de mel e derivados, notou-se uma melhoria na qualidade de vida e um aumento na renda dos produtores envolvidos. Antes de repartir o capital entre os envolvidos, foi feito uma reunião para planejar investimento em EPIs e outros equipamentos úteis no apiário.

Ternoski e Perondi (2014) avaliaram a viabilidade financeira de unidades inspecionadas de mel em comunidades e assentamentos rurais de Prudentópolis/PR constataram que as possibilidades de venda do mel para o mercado externo atraem os anseios dos apicultores brasileiros, pois os benefícios com a comercialização com este mercado muitas vezes superam os encontrados pelo setor com a comercialização no mercado interno, visto que os retornos do ponto de vista financeiro são maiores, o que também foi observado durante a comercialização do excedente de mel na comunidade quilombola. Contudo maiores retornos exigem dos produtores um maior controle e consequentemente maiores investimentos com as etapas de produção do mel. Ainda conforme Ternoski e Perondi (2014), os resultados propiciaram a verificação em diferentes cenários de preços pagos aos produtores observando-se que o investimento passa a ser rentável, a partir de um nível de preço de R$ 2,83 por quilo do mel, bem como, demonstrou-se a viabilidade econômica de se adequar as exigências do mercado europeu. Na comunidade quilombola, o preço de R$ 5,00 por quilo de mel foi adquirido. Análises do mel foram realizadas e os resultados corroboram ao observados por Ternoski e Perondi (2014), com padrão de exportação.

CONCLUSÃO

Detectou-se a importância da continuidade dos trabalhos por através da melhoria da produção agrícola e/ou animal local, geração e aprimoramento dos conhecimentos de produção pelos produtores, melhoria da renda e da qualidade de vida.

AGRADECIMENTOS

Projeto financiado e apoiado pela FUNDECT e pela UFGD (Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da Universidade Federal da Grande Dourados) Aos órgãos externos envolvidos para execução das atividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARIAS, M.F.L.; OLIVEIRA, E.R.; FAISTING, A.L. **Experiências interdisciplinares para a construção de conhecimentos solidários**. Ed. UFGD, 2013, 439 p.

KRONEMBERGER, T.S.; GUEDES, C.A.M. Desenvolvimento territorial rural com gestão social: um estudo exploratório entre Brasil e Argentina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 16, n. 2, p. 233-246, 2014.

OLIVEIRA, E.R.; MONÇÃO, F.P.; RAMOS, M.B.M.; GABRIEL, A.M.A.; FARIAS, M.F.L.; MOURA, L.V. Práticas extensionistas no desenvolvimento sustentável da Comunidade Quilombola de Dourados, Mato Grosso do Sul. **Em Extensão**, v.11, n.2, p.82-95, 2012.

PEIXOTO,P.P.P.; SANTOS,A.M.; OLIVEIRA,E.R.; RAMOS,M.B.M.; GORDIN,C.R.G.; NETO,J.F.B.; PAGLIARINI,M.K., **"**Resultados Finais do Projeto Preservação do Solo e da Paisagem: uma questão de Educação Básica?", **3ºEncontro de Extensão, 3º Encontro de Iniciação Científica e 2º Encontro de Pós-Graduação**, Dourados-MS, 2009.

STEFANOSKI, D.C.; LAFORGA, G.; CUSTÓDIO, A.M.; SILVEIRA, W.S. Inovação tecnológica: análise no Assentamento Banco da Terra, em Nova Xavantina – MT. **Revista Extensão Rural**, v.21, n.3, p. 9-21, 2013.

VASCONCELOS, M.G.; VIEIRA, S.S.; RODRIGUES, V.W.B. Utilização de boas práticas de cultivo e manejo de hortaliças para uma alimentação escolar saudável. **Em Extensão**, v. 13, n. 1, p. 61-69, 2014.

TERNOSKI, S.; PERONDI, M.A. A viabilidade financeira de unidades inspecionadas de mel em pequenos estabelecimentos rurais de Prudentópolis/PR. **Revista Extensão Rural**, v.21, n 1, p. 72-92, 2014.